



CESAR HENRIQUE FENILI DA SILVA

**FALA SÉRIO, MÃE!:** Uma possível leitura das relações mãe-filhos a partir da ótica de Winnicott.

Marília – SP  
2022

CESAR HENRIQUE FENILI DA SILVA

**FALA SÉRIO, MÃE!:** Uma possível leitura das relações mãe-filhos a partir da ótica de Winnicott.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Faculdade Católica Paulista para a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, sob orientação da Prof. Me. Neuci Leme de Camargo.

Marília – SP  
2022

CIP - Catalogação na Publicação

S586 Silva, Cesar Henrique Fenili da  
FALA SÉRIO, MÃE! Uma possível leitura das relações mãe-filhos apartir da  
ótica de Winnicott / Cesar Henrique Fenili da Silva. - 2022.  
14 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) apresentado à Faculdade Católica  
Paulista, Marília, 2022.  
Area de Concentração: Psicologia.  
Orientador: Prof. Me. Neuci Leme de Camargo.

1. Handling. 2. Holding. 3. Preocupação Materna Primária. 4. Winnicott.  
I. Camargo, Neuci Leme de (orientador). II. Título.

CDD:150

FALA SÉRIO, MÃE!: Uma possível leitura das relações mãe-filhos a partir da ótica de Winnicott.

Cesar Henrique Fenili da Silva<sup>1</sup>

Faculdade Católica Paulista

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Me. Neuci Leme de Camargo<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir de reflexões winnicottianas sobre a relação mãe-filhos, o artigo pergunta pela possibilidade de vincular as ideias de Holding, Preocupação Materna Primária e Handling, com a temática apresentada no filme “Fala sério, mãe!”. A fim de contemplar esta possível junção, este trabalho realiza uma pesquisa bibliográfica dos conceitos de Winnicott, apresenta-as e as articula a algumas situações apresentadas no filme. Considera, finalmente, que, ao longo do filme, as manifestações de cuidados da mãe em relação a sua filha explicitam o que Winnicott chamou de Preocupação Materna Primária, assim como o Holding e o Handling. Destacou-se, também, que além do papel da mãe na atenção à criança, em muitos momentos a filha assumiu os cuidados da sua mãe, revelando a vincularidade entre elas.

**Palavras-chave:** Handling. Holding. Preocupação Materna Primária. Winnicott.

## 1. INTRODUÇÃO.

Em sua teoria, Winnicott explica o desenvolvimento do indivíduo a partir da relação de dependência que o bebê tem com o meio ambiente representado pela mãe e como este indivíduo caminha em direção a conquista da independência deste meio, ou seja, dos cuidados maternos. Inicialmente, diz-se que a relação mãe/bebê é dual onde o bebê funde-se com a mãe e esta com a criança. Para dar entendimento a este processo relacional que vai da dependência à independência, Winnicott descreve três estágios do desenvolvimento emocional: o de dependência absoluta, o de dependência relativa e o estágio que representa o caminho rumo à independência. Na passagem de um estágio para o outro, Winnicott destaca a ideia de continuidade que é representada por uma “mãe suficientemente boa”.

A mãe suficientemente boa é aquela que torna-se sensível o suficiente para adaptar-se às necessidades do seu bebê, no contato corporal, na forma de segurá-lo, ao olhar para ele,

---

<sup>1</sup> Graduando em Psicologia pela Faculdade Católica Paulista.

e-mail para contato: [cesar.fenili@gmail.com](mailto:cesar.fenili@gmail.com)

<sup>2</sup> Professora Mestre em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista UNESP-Assis.

Professora docente no curso de Psicologia da Faculdade Católica Paulista.

E-mail para contato: [neuci.camargo@uca.edu.br](mailto:neuci.camargo@uca.edu.br)

tornando-se com isso capaz de protegê-lo de sustos e do acaso, evitando que algo possa ser sentido como invasivo. (Rocha, 2006).

A importância dada aos estágios iniciais do desenvolvimento emocional ganha relevância nos estudos desse autor porque ele defende a tese de que é nessa fase que estão sendo construídas as bases da personalidade e da saúde psíquica do indivíduo.

Winnicott deu contribuições fundamentais para o repertório psicanalítico como as noções de Preocupação Materna Primária, Verdadeiro e Falso Self, espaço potencial, fenômeno e objeto transicional, além de Holding, Handling.

É a partir dos conceitos de Holding, Handling e Preocupação Materna Primária que pretende-se, com este artigo, articula-los ao filme “Fala sério, mãe!”, dirigido por Pedro Vasconcelos, para refletir sobre a relevância destes na dinâmica que se estabelece entre mãe e filhos, na atualidade.

Para tanto, este trabalho tem como objetivo geral refletir, a partir de uma ilustração filmística, sobre a atualidade dos conceitos de holding, handling e preocupação materna primária, para pensar a relação entre mãe e filhos no mundo contemporâneo. Como objetivos específicos destacam-se: realizar uma breve apresentação do psicanalista Donald Winnicott; apresentar as noções básicas da teoria winnicottiana; destacar os conceitos sobre holding, handling e preocupação materna primária; relatar o filme, destacando os dados significativos da história das personagens Maria de Lourdes e Angela; entrelaçar as ideias winnicottianas e os dados apresentados com a história fictícia do filme.

Adota-se como método a pesquisa bibliográfica e a busca pelos artigos será realizada através da ferramenta Google Scholar, bem como da SciELO (Scientific Eletronic Library Online) e também da BVS-Psi (Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia Brasil), as três, portanto, servindo como instrumentos de coleta de dados. Com a finalidade de cumprir o que se propõe, serão utilizadas as seguintes palavras-chave durante as buscas: 1. Handling, 2. Holding, 3. Preocupação Materna Primária e 4. Winnicott, de forma que serão selecionadas referências bibliográficas, utilizando como critérios de inclusão os trabalhos científicos publicados no idioma português, que contenham ao menos uma das palavras-chave e com período histórico definido, a saber, de 2012 até os dias atuais.

Os conceitos de D. Winnicott em pauta, em última instância, referem-se à dinâmica estabelecida entre mãe e bebê durante as fases de dependência total e parcial da criança para a figura materna, sendo assim, pergunta-se sobre a possibilidade de articulá-los ao filme “Fala sério, mãe!”, dirigido por Pedro Vasconcelos, para entender como o cinema, em especial o

filme destacado, pode ser uma referência para refletir a atualidade das ideias de Winnicott no que tange às discussões sobre a importância da mãe nos processos de subjetivação dos filhos.

Este trabalho justifica-se pela forte presença do cinema na sociedade ocidental e sua incidência sobre os processos de subjetivação. Segundo Deleuze (2005), a participação efetiva naquilo que é visto e sentido é o que constitui o conhecimento efetivo, pensando nisso, é possível afirmar que o cinema é um meio facilitador deste conhecimento, uma vez que provoca tanto visões quanto sentimentos acerca de uma trama que movimenta o telespectador através desta imagem cinematográfica, capaz de converter em potência o que até então era apenas possibilidade.

Sendo assim, é possível pensar a sétima arte - definida por Riccioto Canudo, em 1914, de acordo com Alves (2017), como a culminância de várias tipologias de expressão artísticas original e significativamente convergidas em uma nova forma de comunicação e expressão, o que Riccioto chamou de "arte total" - como meio de conhecimento, sensibilização e aproximação da realidade.

É importante salientar que existem outras possibilidades para análise do filme, por isso, as reflexões que serão elencadas aqui, não devem ser tomadas como regra ou lei, podendo e devendo ser questionadas, pois não apresentam previsões irreversíveis. O fato é que a obra é riquíssima e, mesmo que não tenha sido pensada e desenvolvida se pautando nos conceitos de Winnicott, traz à tona vários deles, podendo de fato ser observada sob várias óticas e sendo frutífera para várias conclusões.

## **2. DESENVOLVIMENTO.**

### **2.1. Breve biografia sobre Winnicott.**

Donald Woods Winnicott, nasceu na Grã-Bretanha em 7 de abril de 1896, e morreu em Londres em 25 de janeiro de 1971. Estudou Biologia e depois Medicina na Universidade de Cambridge. Trabalhou como pediatra, psiquiatra infantil e psicanalista. Dedicou-se em seus estudos à construção da teoria do amadurecimento pessoal, que, além de constituir uma teoria da saúde, com descrição das tarefas impostas, desde o início da vida, pelo próprio amadurecimento, configura também o horizonte teórico necessário para a compreensão da natureza e etiologia dos distúrbios psíquicos. (STEINWURZ, s/d).

O que distinguiu o seu trabalho em relação a Freud e outros psicanalistas, foi a sua decisão de estudar o bebê e sua mãe compreendendo-os como uma “unidade psíquica”, o que lhe permitia observar a dupla mãe-bebê não como dois seres puramente distintos. A dimensão dessa concepção do autor remete a ideia de que não é possível falar de um bebê sem falar de sua mãe, pois, no início, o ambiente é a mãe e apenas gradualmente vai se transformando em algo externo e separado do bebê.

A partir de então, de acordo com Dias (2002), entre (des)encontros com Freud e Édipo e Klein e seus interesses pelas angústias precoces e teorias sobre as fases mais primitivas da infância, quatro anos depois de ter se desligado da supervisão com Melanie Klein, em 1945, Winnicott escreveu "Desenvolvimento emocional primitivo", artigo no qual ele começa a trilhar seu próprio caminho neste tema que lhe foi tão caro.

## **2.2. Da teoria winnicottiana.**

### **2.2.1. A mãe segundo Winnicott.**

Winnicott (1968) entende que, a partir do fim da gravidez, a mulher se tornando mãe entra num estado de identificação acentuada com o bebê, de forma que ela consegue praticamente saber como ele está se sentindo e do que precisa, assim a mãe inicia o cuidado com a saúde mental do bebê, enquanto ele dá continuidade ao seu processo de crescimento, esse entendimento, mais tarde, se estabeleceria como preocupação materna primária.

A preocupação materna primária prevê que a mãe se torne o ambiente no início da vida do bebê, permitindo a ela um estado de identificação especial que implica em saber como ele se sente quando ninguém mais sabe, conforme Winnicott (1960/1993 apud VERÍSSIMO, 2019), de maneira que a relação mãe-bebê se torne simbiótica e indicadora de como ela deve cuidar, quando e o que. Sendo assim, algumas das funções que a mãe desempenhava apenas por si, passam a ser desempenhadas também pelo bebê – e a prioridade é ele – por isso a disposição em ninar a criança e se levantar da cama caso a criança desperte durante a noite.

Segundo Esteves et al. (2011), o termo Preocupação Materna Primária foi cunhado na psicologia de Winnicott para discorrer sobre este estado psicológico alterado e especial da mãe, que a torna sensível às necessidades básicas da criança. Segundo eles, é na gestação que tal estado tem início, tornando-se mais potente e evidente no seu final e nas primeiras semanas ou meses depois da concepção, ou seja, pode-se dizer que é a predisposição que a mãe desenvolve

para entender o que o choro de seu filho pode significar, por exemplo, e para que ela possa atendê-lo da melhor forma possível.

O Holding consiste na transmissão de segurança que a mãe proporciona ao bebê desde a fase intrauterina, conforme Borsa (2007), mantendo-o aquecido e nutrido. Durante a gestação essa função é tida como o tempo necessário para o amadurecimento da criança antes do nascimento, após a concepção o holding é um modo de proteção física e psíquica, a mãe considera a sensibilidade cutânea do seu bebê e seu desconhecimento sobre o mundo, protegendo-o, então, do excesso de estímulos aos quais ele pode estar sujeito.

Nas palavras de Veríssimo (2019, p. 28), “(...) o holding é uma forma de proteção/continência física que é conseqüentemente uma proteção psíquica, ou seja, é física e ao mesmo tempo simbólica.” sendo importantíssima para que o bebê desenvolva questões de confiança que podem refletir em como ele lidará com questões posteriores em sua vida.

Ainda segundo Veríssimo (2019), o bebê é incapaz de perceber a ausência de holding quando este não acontece, experienciando aflição, sensação de desproteção e de que o ambiente externo não é suficiente para lhe confortar internamente, características que evidenciam uma mãe não boa o suficiente na teoria winnicottiana.

No outro extremo deste espectro, está a então denominada por Mamede (2003) Mãe Excessivamente Boa, que segundo a autora pensa e sente pela criança, não dando tempo de que ela queira algo, se antecipando caso a criança venha a querer, podendo caracterizar também uma mãe que impõe suas necessidades ao bebê, suprimindo e condicionando a existência e o cuidado dele aos seus e, nesta situação, ela caracteriza uma Mãe Excessivamente Má.

Caso essa habilidade não seja bem desenvolvida – seja por falta ou excesso de cuidado – a pessoa pode vir a ter uma fragilidade maior em como lidar com frustrações, por exemplo, afinal o holding pode ser compreendido como provisão ambiental suficientemente boa, ou seja, um ambiente de holding, considerando a figura materna como ambiente, mas também ampliando-o para uma noção de cuidado que pode estar presente na vida do bebê, como o pai, avós, médicos, grupos sociais e movimentos históricos e políticos, conforme (MEDEIROS & AIELLO-VAISBERG, 2014).

Além disso, o holding é uma instância que se reedita e evolui durante a vida, tanto o que se refere ao holding físico, como o que se refere ao holding psíquico, afinal, segundo De Lima Brezolin et al (2011), para Winnicott não existe divisão entre físico e psíquico no começo da vida, logo tudo que é psíquico é, também, físico.

O Handling é a função materna que pressupõe os cuidados físicos que a figura materna tem para com o bebê (troca de fraldas, tocar, beijar, abraçar, morder), também é essa função que vai desencadear na criança a percepção do corpo e a união entre o corpo e o psiquismo, de forma a compor a sua personalização. É a função que, segundo Winnicott (1960/1997, p. 27, apud VERÍSSIMO, 2019) é facilitadora da formação de uma parceria psicossomática na criança, de forma que contribui para a formação do sentido do real em contraposição com o irreal. Assim, a falta de manipulação da criança trabalha no sentido oposto do desenvolvimento do tônus muscular, da coordenação e da capacidade da criança em gozar a experiência do seu funcionamento corporal, em outras palavras, a experiência de ser.

Além disso, o Handling também é responsável por dar ao bebê a sensação de limite corpóreo, de ajudá-lo a entender onde começa e onde termina o seu eu físico. A partir daí é que a onipotência ilusória que o bebê tem começa ser quebrada e ele começa a entender que além dele há um mundo com o qual ele pode interagir e que ele pode sentir, ligando assim o que pode ser tateado com o que pode ser experienciado, ligando o físico da criança ao seu mundo psíquico, sendo o conceito descrito como o manuseio corporal da criança durante atividades de troca e banho, por exemplo, favorecendo a o desenvolvimento da personalidade ou a identificação da localização do self num corpo próprio segundo Medeiros & Aiello-Vaisberg, (2014). Os autores ainda consideram o handling e a apresentação de mundo como fenômenos básicos de uma maternagem suficientemente boa.

O handling é o manuseio corporal do bebê, a contribuição última para a formação do self da criança, para o reconhecimento dela em si mesma (MEDEIROS & AIELLO-VAISBERG, 2014).

Aqui, com vistas para melhor elucidação do processo de reconhecimento de si que o **bebê** realiza durante o manuseio do bebê, cabe trazer brevemente o conceito de **apresentação de mundo** (ou apresentação de objeto) que acontece concomitantemente ao processo de **handling**. Conforme Medeiros & Aiello-Vaisberg (2014, p. 52), “[...] a apresentação de mundo seria o fenômeno responsável pela possibilidade de o bebê criar o mundo a partir de sua apresentação em pequenas doses, o que favoreceria a experiência do self num tempo e espaço compartilhados.”, ou seja, o self do bebê diferenciado do meio, agora pode interagir com ele e aproveitá-lo enquanto algo diferente de sua existência, mas não alheio à ela.

### 2.2.2. O pai segundo Winnicott.

Winnicott, em 1979, declarou:

Sou homem e, portanto, jamais poderei saber, na verdade, o que se sente ao ver ali embrulhado no berço uma parcela do meu próprio ser, um pedaço de mim vivendo uma vida independente, mas, ao mesmo tempo, dependente e tornando-se, pouco a pouco, numa pessoa. (p. 15).

Ou seja, o autor entende que apenas a mãe pode estar neste estado psicológico propício para o entendimento das necessidades do bebê, sendo assim qual seria o papel do pai no desenvolvimento de um bebê identificado com a mãe?

Uma vez que a mãe é o contato primeiro simbiótico e depois mais próximo que o bebê possui, ela representa tanto o progresso e a satisfação, como a lei e a ordem, então, ao mesmo tempo em que ela alimenta, também é ela quem decide se é hora da amamentação ou não, segundo Winnicott (1979), a figura do pai, uma vez que ele é reconhecido como uma terceira pessoa – depois que se desfaz a identificação absoluta do bebê com a mãe – no imaginário do bebê, assume estas questões que se referem aos limites que a criança não pode ultrapassar.

Além disso, o pai também teria função de holding, isto é, provisão ambiental e amparo psíquico no que se refere às necessidades da mãe identificada com o bebê, de forma a proteger essa díade de elementos externos que poderiam ser intrusivos e, mesmo sem a disponibilidade psíquica da mãe, como substituto provisório dos cuidados maternos (SANTOS & ANTÚNEZ, 2018).

Ainda assim, enquanto o bebê se encontra em dependência absoluta, ele não é capaz de reconhecer a existência do pai, nem de entender diferenças entre os colos nos quais ele pode transitar, de forma que a triangularidade nas relações iniciais do bebê não pode ser admitida e, portanto, não pode ser observada (ROSA, 2009).

O pai também tem a possibilidade de ajudar a criança na diferenciação entre fantasia e realidade, adentrando ao conceito de apresentação de objeto, uma vez que, sendo um homem real, não se enquadra nas projeções do filho, de forma a adotar uma postura que lhe permita tomar o filho nos braços e sobreviver aos seus ataques, firme e compreensivelmente, acolhendo as fantasias que o filho tem dele (ROSA, 2009).

### **2.2.3. O filme.**

O filme “Fala sério, mãe!”, dirigido por Pedro Vasconcelos foi ao ar em 28 de dezembro de 2017, estrelado por Marcelo Laham – Armando –, Ingrid Guimarães – Ângela Cristina - e Larissa Manoela – Maria de Lourdes ou Malu – nos papéis principais de pai, mãe e filha,

respectivamente, e baseado no livro homônimo de Thalita Rebouças, tem como trama principal a maneira como Ângela vive com seus três filhos, tendo que cuidar deles e não entendendo quando um ato de rebeldia de sua filha mais velha – Malu – pode, na verdade, ser uma declaração de independência.

"Fala sério, mãe!" é um filme sobre como a dependência na relação entre uma mãe e seus filhos pode estar na mãe, que idealiza o que pode ser do futuro deles, que não entende a importância de que eles tomem as rédeas de suas próprias vidas, que têm um cuidado extremado – quase castrador – com eles e não os deixa aprender por si mesmos, tirar suas próprias conclusões, e que moveria o mundo pelo que ela considera ser o mais precioso em sua vida.

O filme traz aspectos de idealização da maternidade e dos filhos, evidenciando as frustrações que a individualização de Malu causa em sua mãe. Ângela gostaria de poder ter decidido e sido apoiada por Malu nas escolhas que ela fazia para a filha, mas a garota tem gostos e entendimentos muito diferentes do que sua mãe espera, trazendo jocosidade e drama para a vida das duas.

A garota expõe seus sonhos, suas razões para alguns comportamentos e sua maneira de enxergar o mundo, incluindo sua mãe. Malu passa por uma situação difícil para ela, mas que a impulsiona para fazer algo que, segundo ela, nem ela mesma tinha ciência que sabia, assim ela percebe o quão autônoma ela pode ser.

"Fala sério, mãe!" é um filme sobre sensações e necessidade de vínculo, ao mesmo tempo em que conta separadamente a história das duas personagens principais, aborda também a interação das duas e como a vida delas se desenvolve com interferência mútua entre a mãe e a filha. Um filme que retrata a relação mãe-bebê e como essa relação se desenrola com o tempo de convivência delas. É a partir desse enredo que entendemos ser possível pensar na vincularidade entre mãe e filha na perspectiva teórica de Winnicott, em especial, às ideias de Holding, Handling e a Preocupação Materna Primária.

#### **2.2.4. Construção de uma possível leitura winnicottiana do filme.**

Interessa-nos aqui estabelecer uma analogia entre as cenas do filme e o que Winnicott denominou de Preocupação Materna Primária, Holding e Handling.

Na medida em que vamos conhecendo a trama e identificando o mecanismo de funcionamento dos personagens e as relações que estabelecem entre si, reconhecemos a possibilidade de fazer uma leitura das suas performances a partir dos conceitos aqui discutidos.

No filme, durante a gravidez de sua filha, Ângela revela a maneira como se prepara para a chegada do bebê. As suas expectativas, fantasias, os seus medos, denotam os sentimentos próprios do período, que mobilizam defesas importantes para os seus enfrentamentos, assim como mostra, por meio das suas dúvidas, o seu estado de sensibilidade para o nascimento do bebê. A esse estado de sensibilidade aumentada Winnicott nomeia de Preocupação Materna Primária. A passagem abaixo refere-se a uma cena do filme que ilustra a leitura proposta,

“Quando estava chegando a hora eu comecei a ficar um pouquinho ansiosa. Como é que vai ser o parto, ein? Vai doer? Será que eu vou ter leite, meu peito é tão pequeno? Será que eu vou conseguir dar banho? Será que eu vou chorar quando você chorar? Será que eu vou conseguir dormir? Será que eu vou ser uma boa mãe? Eu tinha certeza que sim!” (Fala sério, mãe!, 2017).

Esse tipo de questionamento traz a preparação para o parto e para a vida com o bebê, mostra como a personagem se prepara e começa a se adaptar para a vinda da criança, a maneira como vai cuidar, a maneira como vai sentir tudo alinhado com o que a sua filha pode precisar e sentir, revelando o aspecto que Winnicott (2000 apud ESTEVES et al., 2011) se refere quando discorre sobre um estado psicológico que torna a mãe sensível às necessidades do filho com início na gravidez, clímax no final dela e que se estende durante as primeiras semanas. Depois que Malu nasce, o comportamento de Ângela passa a ser alinhado com o do bebê, sempre pensando no que pode ser melhor para ele do que para ela mesma e é nesse sentido que a experiência da Preocupação Materna Primária se manifesta.

Na cena posterior, Ângela está amamentando a filha e percebe que a beleza que a amamentação representava para ela se esvai quando a criança morde o bico de seu peito, mas, mesmo assim, na concepção dela, o importante é o que a criança precisa e não como ela se sente, segundo Ângela:

“Eu não posso parar de amamentar, eu não quero parar de amamentar. Amamentação é superimportante para o vínculo mãe e filha, o ideal é que nos primeiros seis meses a criança só se amamente e se alimente do leite materno. Isso cria um vínculo superimportante entre a mãe e a filha e faz com que a criança fique com anticorpos e cresça uma criança feliz [...] e fique segura para o resto da vida.” (“Fala sério, mãe!”, 2017).

O Holding manifesta-se quando ela fala sobre o motivo pelo qual não pára de amamentar, dando prioridade ao desenvolvimento de sua filha. Ângela acolhe o seu bebê e garante que sua necessidade seja suprida, proporcionando segurança psíquica nesse momento tão importante de estabelecimento dos vínculos, “[...]o bebê ainda não está reunido num si-mesmo unitário, vive num mundo subjetivo onde não há objetos externos ao si-mesmo e a psique

*ainda não se alojou no corpo*” (DIAS, 2000, p. 14), cabendo à mãe suprir as necessidades do bebê.

Conforme Winnicott (2005), tal dependência se caracteriza como absoluta à medida que não há consciência dela, ao se referir ao ambiente físico e emocional. Com o passar do tempo a criança sinaliza ao ambiente as atenções que precisa enquanto se conscientiza de seu estado dependente, galgando espaço *pari passu* com o reconhecimento de si e do mundo enquanto instâncias separadas, mas interdependentes, configurando a segunda fase, chamada de dependência relativa, uma experiência compartilhada entre a mãe e a criança.

Na medida em que o filme avança, vê-se que as prioridades da mãe estão todas voltadas para o bebê a fim de atender as necessidades dele. A essa manifestação de cuidado dá-se o nome de Handling e pode ser notado enquanto Maria de Lourdes é ninada pelos pais, eles a carregam, a afagam, a chacoalham e dançam com a bebê, esperando que ela durma para que eles também possam fazê-lo, mas Ângela constata que não funciona bem assim.

Dois meses depois, quando Ângela sai de casa pela primeira vez desde que sua filha nasceu, as duas vão ao salão de beleza e, enquanto Maria de Lourdes fica no carrinho, Ângela Cristina faz as unhas. Na cena subsequente quando Maria de Lourdes é tirada do carrinho e segurada por várias pessoas que estavam no ambiente com ela e sua mãe, Ângela se manifesta dizendo não entender o porquê de as pessoas beijarem uma criança ainda bebê, justificando que esse é um risco para qualquer recém-nascido.

Ângela quase imediatamente levanta da cadeira que está sentada e toma sua filha nos braços procurando evitar que ela fique exposta aos riscos e vai embora com Maria de Lourdes, esse exagero, se muito acentuado, pode levar a criança a não desenvolver bem sua imunidade a doenças simples como gripe, portanto pode ser problemática para o desenvolvimento da garota, pensando nisso Ângela poderia se enquadrar no que Mamede (2003) chamou de Mãe Excessivamente Boa, ou seja, não pode esperar pela necessidade da criança, pretende suprir uma falta (ainda) inexistente, não fosse o choro da criança pouco antes dela se levantar.

Depois de alguns anos, agora mãe de mais duas crianças (Mario Márcio e Malena), Ângela decide que precisa divertir-se com o marido e eles saem para dançar. Maria de Lourdes estava com febre e a avó paterna telefona para Ângela que, já bêbada, decide que vai para casa quando recebe a notícia de que a febre não baixou, Ângela e Armando voltam para a casa de Fátima (personagem vivida por Cristina Pereira, mãe de Armando) e Ângela liga para o pediatra e ele recomenda um banho gelado para que a temperatura baixe. É possível observar

Preocupação Materna Primária e Holding nesta cena, conforme descrito por Veríssimo (2019) como a proteção que a mãe promove ao bebê no que se refere ao fator fisiológico.

O filme, durante os próximos 15 minutos, mostra a vida adolescente de Malu, seus problemas e as sua relação com a sociedade, seus amigos, sua escola e até mesmo as pessoas que trabalham no seu prédio, a adolescente tem seus momentos de imaturidade enquanto se vale de sua criatividade para reconhecer o meio social em que se encontra, bem como reconhecer a si mesma, afinal, o empenho maior do adolescente é na tarefa de socialização, buscando tornar-se essencialmente ele mesmo ao mesmo tempo em que não se torne anti-social (WINNICOTT, 1983 [1965u] apud PIRES, 2010).

A esta altura no filme Malu diz que os papéis de mãe e filha se invertem e isso é mostrado em algumas situações dali em diante, esta parte da vida da adolescente é marcada pela separação de seus pais e dificuldade financeiras convocando-a a um amadurecimento e responsabilidade, conforme Winnicott (2021), que, apesar de não eliminar sua criatividade, traz a ela nuances de uma adulez precoce.

Partindo deste pressuposto, é possível afirmar que a capacidade criativa de Malu, uma vez mantida, mantém sua saúde física e mental afastada de condições de adoecimento que o trabalho poderia vir a provocar na garota, considerando a influência que este tem na dinâmica psíquica do sujeito, sendo contrabalanceada e equilibrada pela criatividade (VERÍSSIMO, 2019).

A garota, como sugerido por Winnicott (2021), mantém sua capacidade criativa à medida em que cultiva sua aspectos da sua vida infantil, permitindo-se viver momentos característicos da adolescência, como uma viagem que faz com os amigos, trazendo empolgação para sua vida, bem como sentimentos novos e diferentes, estabelecendo bases para possibilidades de vida diferentes da que leva agora.

Além das questões que se referem à criatividade, é também na adolescência que fantasias podem tornar-se realidade. No que se refere à sexualidade este é o momento em que o sujeito começa sua vida sexual, bem como a elaborar as questões ligadas aos relacionamentos amorosos, como explicado por Pires (2010), assim também acontece com a protagonista, agora quase uma jovem-adulta, falando com sua mãe sobre essas questões.

Neste ponto, se faz importante salientar a presença ativa de Ângela na vida de Malu, por vezes antecipando necessidades que sua filha nem chega a ter - como no diálogo que ela tem com o motorista do ônibus na viagem que a garota faz - e/ou sobrepondo tais necessidades com as suas próprias - observado no diálogo que ela tem com a filha sobre o namorado da

adolescente, falando da desconfiança dela no sexo oposto-, caracterizando por vezes uma mãe excessivamente boa e/ou uma mãe excessivamente má (MAMEDE, 2003), porém, o conceito de mãe suficientemente boa pressupõe incidência, mesmo que baixa, de ações tidas como “não boas”, sendo assim, não necessariamente Ângela deixa de se encaixar em tal conceito.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O presente trabalho percorreu um caminho de retomada teórica com a finalidade de entender se é possível uma leitura das relações entre mãe e filhos, sob a luz de Donald Winnicott, partindo do filme, “Fala sério, mãe!”. Para tanto, além de explicações sobre o filme, retomou-se conceitos importantes para tal análise, como holding, handling e preocupação materna primária. Ademais, também abordou-se posicionamentos de alguns autores sobre os papéis paterno e materno desempenhados por essas figuras, segundo o autor principal, Winnicott.

A hipótese inicial contava com a possibilidade de analisar estas relações conforme a teoria proposta e, dado o exposto, é possível considerar que o filme trouxe exemplos satisfatoriamente ilustrativos para os conceitos winnicottianos aqui tratados. Chamou atenção o fato de que, mesmo depois de a criança sair da fase de dependência absoluta, e até mesmo quando ela chega na experiência compartilhada, a Preocupação Materna Primária continua presente e que, em dadas ocasiões, a experiência entre mãe e criança, com relação a esse conceito, pode ser invertida, tendo a criança a função de se colocar no lugar de sua mãe antes do seu próprio.

Com relação ao Handling, pode-se dizer que ele está presente durante o período em que a criança ainda não entende o mundo por si só, quando seus limites físicos e psíquicos estão bem definidos ele continua existindo apenas como contato físico. Por outro lado, o Holding perdura durante toda a vida, inclusive na troca de papéis entre mãe e filhos, sendo várias vezes os filhos o apoio psíquico da mãe.

Desta mesma forma, pode ser definida a disponibilidade da mãe em relação à realidade do bebê, uma vez que, o conceito de preocupação materna primária prevê sensibilização e aproximação do ambiente que circunda o bebê - composto principalmente pela mãe - para que haja entendimento e suprimento (ou não) das necessidades da criança e para a produção de entendimento da criança para com o mundo, conforme Telles e col. (2010), ou seja, uma vez que o cinema transcende o contemplativo, em dada medida, é possível compará-lo a uma mãe

em preocupação materna primária, isto é, sensibilizado e aproximado de uma realidade da qual busca entendimento ao mesmo tempo em que produz, de forma sutil, entendimento e análise de uma realidade maior que compete a cada receptor definir.

Este trabalho justificou-se pela forte presença do cinema na sociedade ocidental e sua incidência sobre os processos de subjetivação, de forma a ser possível analisar as relações humanas através destas obras audiovisuais, bem como este se propôs. Sendo assim, a importância deste artigo se traduz como aprofundamento e re-visão do tema tratado.

Com este estudo revelaram-se outros caminhos de pesquisa, como maior aprofundamento no papel paterno uma vez que a literatura sobre este tema não é tão ampla quanto as pesquisas sobre o papel materno, além de pesquisas que possam considerar outras constituições de família, como as monoparentais ou homoafetivas, temas não tratados neste trabalho para que se mantivesse a fidedignidade ao tema e ao autor proposto, bom como pelas limitações que a estrutura do artigo científico impõe.

## REFERÊNCIAS

ALVES, P. **Cruzar Histórias: I Oficinas Luso-Brasileiras**. Cinema e História: perspectivas e caminhos. p. 76-85, 2017.

DE LIMA BREZOLIN, R; PINHEIRO, N. N. B. **Construção, interpretação e holding: reflexões a partir de um acontecer clínico**. Cad. Psicanál.-CPRJ, Rio de Janeiro, v. 33, n. 25, p. 258-271, 2011. Disponível em: [http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25\\_pdf/21\\_CP\\_25\\_CONSTRUCAO\\_INTERPRETACAO\\_E\\_HOLDING.pdf](http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/21_CP_25_CONSTRUCAO_INTERPRETACAO_E_HOLDING.pdf). Acesso em: 25 mar.2022.

DELEUZE, G. **A imagem-tempo** (Cinema 2). São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIAS, E. O. **A trajetória intelectual de Winnicott**. Natureza humana. V.4 n.1 São Paulo. Jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em: 29mar. 2022.

\_\_\_\_\_. **Winnicott: agressividade e teoria do amadurecimento**. Natureza humana, V. 2, n. 1, p. 9-48. 2000. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

ESTEVES, C. M; ANTON, M. C; PICCININI, C. A. **Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo**. Psicologia Clínica. Vol.23 no.2. Rio de Janeiro. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em:30 abr. 2022.

**FALA SÉRIO, MÃE!** Direção: Pedro Vasconcelos. Produção: André Carreira; Camisa Listrada. Co-produção: Telecine Productions; Globo Filmes. Rio de Janeiro: Downtown Filmes e Paris Filmes, 2017. 79 minutos. Streaming: Telecine, dublado, colorido.

MAMEDE, M. V. C. **Quando mentir é cobrir um espaço vazio**: Reflexões sobre a mentira infantil em Winnicott. Revista Científica Eletrônica de Psicologia. Ano I. Nº 1. Nov. 2003. Disponível em: [http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos\\_arquivos\\_destaque/TLpVgSMRZ2CPQTF\\_2013-4-30-10-46-13.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos_arquivos_destaque/TLpVgSMRZ2CPQTF_2013-4-30-10-46-13.pdf). Acesso em: 07 abr. 2022.

MEDEIROS, C; AIELLO-VAISBERG, T. M. J. **Reflexões sobre holding e sustentação como gestos psicoterapêuticos**. Psicologia Clínica. Vol.26 no.2. Rio de Janeiro. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/>. Acesso em: 15 abr. 2022.

PIRES, F. A. R. **Criatividade no processo de amadurecimento em Winnicott**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2010.

ROSA, C. D. **O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott**. Natureza Humana 11(2): 55-96, jul.-dez. 2009.

SANTOS, C. V. M. dos; ANTÚNEZ, A. E. A. **Papai não tem leite!** Considerações sobre o holding paterno na dependência absoluta. Psicologia em Estudo, v. 23, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/>. Acesso em: 26 ago. 2022.

STEINWURZ, D. A. **Donald Woods Winnicott (1896-1971)**. Disponível em: [www.febrapsi.org](http://www.febrapsi.org). Acesso em: 10 jul. 2022.

TELLES, J. C. C. P; SEI, M. B; ARRUDA, S. L. S. **Comunicação silenciosa mãe-bebê na visão winnicottiana**: reflexões teórico-clínicas. Altheia, n. 33, setembro-dezembro. P. 109-122. Universidade Luterana do Brasil. Canoas, Brasil. 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/>. Acesso em: 22 mai. 2002.

VERISSIMO, D. M. M. **Marcas do cuidado**: um olhar psicanalítico da infância à atuação de enfermeiras do SUS. 2019. 165f. Tese (Doutorado em Psicologia).- Faculdade de Ciências e Letras. Universidade Estadual Paulista – UNESP, Assis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182163>. Acesso em: 25 mar. 2022.

WINNICOTT, D. W. [1982]. **A criança e o seu mundo**. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 2013.

\_\_\_\_\_. **A família e o desenvolvimento individual**. Martins Fontes. São Paulo. 2005.

\_\_\_\_\_. [1896-1971]. **Tudo começa em casa**. Ubu Editora. São Paulo. 2021.